



PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
EM HUMANIDADES

Coordenadores: Joaquim Pinheiro | Samuel Mateus | Mario Franco

lúmus

PESTES E EPIDEMIAS

ESTUDOS
INTERDISCIPLINARES
EM HUMANIDADES

Coordenadores: Joaquim Pinheiro | Samuel Mateus | Mario Franco



TÍTULO

Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades

COORDENAÇÃO

Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus & Mario Franco

FILIAÇÃO INSTITUCIONAL DOS COORDENADORES:

Universidade da Madeira, Faculdade de Artes e Humanidades

ASSISTENTES EDITORIAIS

Adriana Teixeira, Ana Carina Figueira e Cátia Gouveia

ILUSTRAÇÃO DA CAPA

Marco Câmara | Gabinete de Comunicação e Marketing da Universidade da Madeira

© Edições Húmus, Lda e Autores, 2022

Apartado 7081

4764-908 Ribeirão – V.N. Famalicão

Telef. 926 375 305

humus@humus.com.pt

ISBN

978-989-755-754-5

DOI

<https://doi.org/10.34640/universidademadeira2022pinheiromateusfranco>

IMPRESSÃO

Papelmunde, SMG, Lda. – V.N. Famalicão

1.ª edição: Maio de 2022

Depósito Legal:

498121/22

Nota de edição

Nos textos em Língua Portuguesa, os Coordenadores do Volume respeitaram a ortografia seguida pelos Autores.

Todos os textos que integram este Volume foram submetidos a arbitragem científica

COMISSÃO CIENTÍFICA DO VOLUME

Adélio Fernando Abreu, Universidade Católica Portuguesa

Alda Portugal, Universidade da Madeira

Ana Isabel Buescu, Universidade Nova de Lisboa

Ana Isabel Moniz, Universidade da Madeira

Andréa Maia, Universidade Federal do Rio de Janeiro

Catarina Rodrigues, Universidade dos Açores

Cristina Santos Pinheiro, Universidade da Madeira

Daniel Tércio Guimarães, Universidade de Lisboa

Eunice Ribeiro, Universidade do Minho

Gianfranco Ferraro, Instituto de Filosofia da Nova

Gisela Gonçalves, Universidade da Beira Interior

Ivo Furtado, Universidade da Madeira

Joaquim Paulo Serra, Universidade da Beira Interior

José Manuel Sobral, Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa

Luísa Maria Paolinelli, Universidade da Madeira

Maria Cristina Almeida e Cunha, Universidade do Porto

Maria Filomena Andrade, Universidade Aberta

Paulo Osório, Universidade da Beira Interior

Rodrigo Gomes, Universidade de Coimbra

Vera Amorim, Instituto Politécnico de Lisboa

índice

- 9 Introdução
Joaquim Pinheiro, Samuel Mateus, Mario Franco
- 13 Descrições da peste na historiografia bizantina dos séculos XIV e XV
Rui Carlos Fonseca
- 27 A vulgarização do léxico da peste após a Peste Negra como testemunho
de memória: o caso do Entre-Douro-e-Minho (Portugal)
André Filipe Oliveira da Silva
- 49 Peste, castigo e misericórdia no Funchal quinhentista:
São Tiago Menor, padroeiro e rogador a Deus pelo povo da cidade
Nelson Veríssimo
- 61 “Evitar que o mal não padeça mais avante” – O Regimento da Saúde
de D. João III e a experiência italiana de saúde pública
Edite Martins Alberto, Joana Balsa de Pinho
- 77 A Portuguese Treatise on the Plague:
João Curvo Semedo’s *Tratado da Peste*
Gabriel A. F. Silva
- 91 Cólera e Carnaval em Porto Alegre (RS/Brasil)
na segunda metade do século XIX
Caroline P. Leal
- 107 Santos: porto do café e das epidemias -
experiências, cotidiano e imigração
Maria Izilda Santos de Matos, Bruno Bortoloto do Carmo
- 125 “Subsistências”: Carências e açambarcamentos alimentares durante
a pneumónica de 1918 sob o olhar de um periódico local
Guida Cândido
- 139 Les récits de la peste comme mode de connaissance,
de mémoire et d’identification
Chantal Louchet
- 155 Um Diário convertido em crónicas e um Jornal em forma de romance:
as narrativas de pestilências de Daniel Defoe (1722) e Gonçalo M.
Tavares (2020)
Ana Isabel Correia Martins

- 171 Paisagens pandêmicas na literatura:
não-fruição da paisagem sob estado sanitário de exceção
Fabiano Dalla Bona, Carolina de Castro Wanderley
- 179 O Fenómeno Semiológico das Máscaras em Contexto Pandêmico
Sara Inês Rodrigues Gaspar, Eduardo José Marcos Camilo, Rafaela Norogrande
- 195 As “Bexigas Negras” e os Museus Históricos
Rosa Henriques de Gouveia, Teresa Ferreira, Lina Carvalho, Carlos Robalo Cordeiro
- 203 Pessoas e organizações no quotidiano pandêmico:
uma construção social da realidade?
Pedro Eduardo Oliveira Ribeiro
- 219 O paradigma da peste: Índices de ruptura em situações de calamidade
Rodrigo Barros Gewehr
- 237 O *Ethos* patético e as campanhas de publicidade
“Thank you” durante a pandemia de SARS-COV-2
Samuel Mateus

« Tout le monde sait que les pestes ont une façon de se reproduire dans le monde, mais d'une manière ou d'une autre, nous avons du mal à croire en celles qui nous tombent sur la tête à cause d'un ciel bleu. Il y a eu autant de fléaux que de guerres dans l'histoire, mais toujours des fléaux et les guerres prennent les gens également par surprise ».

Albert Camus, *La Peste*

Um Diário convertido em crónicas e um Jornal em forma de romance: as narrativas de pestilências de Daniel Defoe (1722) e Gonçalo M. Tavares (2020)

ANA ISABEL CORREIA MARTINS*

Resumo

Desde Homero que a Literatura é prolixa em narrativas de pestilências posicionando-se tantas vezes na encruzilhada genológica entre ficção e verdade. Tucídides, Xenofonte e Heródoto comprovam que muitos testemunhos historiográficos foram deixados por médicos e historiadores. No entanto, é igualmente inegável a importância de muitas outras vozes, na narração destas calamidades, sejam elas as de tragediógrafos, escritores, filósofos e intelectuais. Daniel Defoe, com o seu *Journal of the Plague year (1722)*, e Gonçalo M. Tavares, com o *Diário da Peste (2020)*, inscrevem-se neste legado das narrativas de pestilências: um diário convertido em crónicas e um jornal romançado, com tonalidades novelísticas. O presente trabalho pretende analisar as idiosincrasias de cada uma destas obras, discutindo as incontornáveis questões genológicas. Indagaremos ainda conceitos de verdade e autenticidade das fontes e dos relatos associados à *auctoritas* dos narradores que influenciam a construção de expectativas. Porventura só a narração que qualificamos de “histórica” confirma o estatuto de catástrofe de um evento? Qual é o papel da narrativa ficcional na construção da verdade?

Palavras-chave: *Diário da Peste*, *Jornal do ano da Peste*, Narrativa histórica, Verdade, Ficção.

Abstract

Since Homer and classical Antiquity, Literature has been prolix in narratives of pestilences, pointing out so often the genological intersection between fiction and truth. Thucydides, Xenophon and Herodotus prove that several historiographic testimonials

* CECH da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, Universidade de Rennes 2 – Haute Bretagne
ana-isabel.correia-martins@univ-rennes2.fr

were left by doctors and historians but it is undeniable the importance of many other tragediographers, writers, philosophers and intellectuals. Daniel Defoe with his *Journal of the Plague year* and Gonçalo M. Tavares, with *Diário da Peste* integrate the collection of pestilence narratives: a diary converted into chronicles and a Journal in the form of a novel, presenting novelistic and daily features. This work aims to analyse the idiosyncrasies of each of these works, discussing the unavoidable genological issues. We will also shed light on concepts of truth and authenticity regarding narrators' *auctoritas* for the construction of expectations. Could it be that only the narration that we qualify as "historical" confirms the catastrophe status of an event? What is the role of fictional narrative in the construction of truth?

Keywords: *Journal of the Plague*, *Journal of the Plague year*, History, Truth, Fiction.

Qui dira jamais si la manque de la nature est dans la nature, si la catastrophe par laquelle la nature s'écarte d'elle-même est encore naturelle? Une catastrophe naturelle se conforme aux lois pour bouleverser la loi.¹

In limine

O ano de 2020 não trouxe novidades à História, no sentido de nos surpreender com algo inusitado, inimaginável ou inaudito, apenas reescreveu acontecimentos e *mudou a paisagem*². *Mutatis mutandis*, a ciclicidade e a reincidência de fenómenos no devir histórico reenviou-nos para o passado, na esperança de que a sua leitura lance um olhar interpretativo mais clarividente sobre o presente. Não esqueçamos que os dois livros mais antigos, ou não fossem eles fundacionais da Cultura ocidental, retratam pestes, pragas e epidemias além de heroísmos e outras tragicidades: o segundo livro da Bíblia – Êxodo – e a *Ilíada* de Homero.

“O século XXI partido em dois por um vírus.// Dois séculos tem este século”, afirma Gonçalo M. Tavares no seu *Diário da Peste* a 26 de Março. A numerologia pitagórica muito teria a dizer sobre o simbolismo do numeral que perpassa duplamente tanto o nosso século XXI e o ano da pandemia Covid 2020 como a obra de Daniel Defoe, publicada em 1722. Esta pandemia do século XXI sofre uma mutação em relação às anteriores pestes e epidemias, retratadas ao longo da História, uma vez que é a primeira a atingir em um curto espaço de tempo uma escala tão global. Esta disseminação universal do vírus leva-nos a fazer um *mea culpa* enquanto sociedade, a escrutinar processos e procedimentos em curso usurpadores da Natureza, a questionar a intervenção humana que não cessa de desafiar ritmos e proporções, na senda

1 Derrida (1967, p. 364).

2 “O ciclone muda os corpos e as coisas de sítio. Vem aí, dizem./Contra a vontade dos homens e das coisas./Por vezes muda mesmo o sítio. E no dia seguinte a paisagem é outra./Em Junho de 2020 a paisagem muda./Mudar a paisagem não é tarefa de arquitecto ou pintor de cores./O assunto requer vasta engenharia ou catástrofe natural”. (*Diário da Peste* 2 de Junho)

de uma satisfação da voracidade de consumo. Ao exponenciarmos os meios de produção, ao tornarmos as máquinas um *upgrade* das nossas capacidades, uma extensão dos nossos limites humanos, aceleramos e intensificamos um *modus vivendi* à revelia dos ciclos naturais³.

Desde Tucídides, Xenofonte e Heródoto (IV e V a.C.), passando por Cláudio Galeno (II d.C.) e Procópio de Cesareia (VI d.C.), as narrativas de pestilências foram descritas, previsível e preferencialmente, pela pena de médicos e historiadores cuja descrição dos factos era indissociável da aceitação da sua verdade. Pensemos, no entanto, em muitos outros inestimáveis contributos tais como: o tragediógrafo grego Sófocles (V a.C.) - que faz recair sobre Tebas uma praga, em Édipo o Rei. Já no humanismo renascentista, lembremos Boccaccio e o seu *Decameron* (1349-1353), Castiglioni com *Libro del cortegiano* (1528)⁴. Avançando pelo século XVII, La Fontaine com *Les animaux malades de la peste* (1678) ou *Les tragiques* de D'Aubigné (1615), chegando ao século XVIII com Daniel Defoe (*A Journal of the Plague year*, 1722). No século XX, afiguram-se ainda Jack London (*La Peste écarlate*, 1912) e Albert Camus (*A Peste*, 1947), José Saramago (*Ensaio sobre a Cegueira*, 1995) e mais proximamente Gonçalo M. Tavares (*Diário da Peste*, 2020). A Literatura é prolixa em narrativas de pestilências, posicionando-se nesta encruzilhada genológica e historiográfica entre a ficção e a verdade.

Relativamente ao *Journal of the Plague year* de Daniel Defoe, Lay Frank afirma que “its characteristic position in the uncharted territory between history and fiction is interpreted as a sign of marginality and its genre is seen as a sort of pseudo or proto novel, a text which illustrates the crucial links of fiction and historical imagination at the time of its production”⁵. John Burke reitera e amplifica esta mesma ideia, tomando como referência, além do *Journal of the Plague year*, uma outra obra de ficção histórica de Daniel Defoe, *Memoires of a Cavalier*: “they are not simply about their narrators. They are about how they report history about the narrators’ responses to history and these responses are the center of interest”⁶. Na radicalização do espectro, mas ainda nas franjas destas narrativas, lembremos o conto do génio do macabro, Edgar Poe, que em “The Masque of Red Death”, com o subtítulo “A fantasy”, apresenta um relato de uma epidemia.

A pergunta que se impõe é a seguinte: porventura só a narração que qualificamos de “histórica” firma o estatuto de catástrofe de um evento? Qual é o contributo da

3 “Ontem ainda: Wuhan proibiu consumo de animais selvagens/durante cinco anos./Durante cinco anos, os animais selvagens podem estar calmos./Talvez ao fim desses 5 anos os animais selvagens fiquem mansos/e possam já ser legalmente comidos” (*Diário da Peste* 20 de Maio); “Uma máquina entra na natureza para tirar energia do vento./Transformar o vento noutra coisa./Os gigantes dos mitos são agora de puro metal.” (*Diário da Peste* 27 de maio)

4 Vide David Steel. (1981). Plague Writing: from Boccaccio to Camus. *European Studies xi*, pp. 88-110.

5 Lay (1999, p. 38).

6 Burke (1982, p. 13).

narrativa ficcional na construção de uma verdade histórica? Lembremos as palavras de Foucault: “There is a literature of plague, it is a literature of the decomposition of individuality, a kind of orgiastic dream in which plague is the moment when individuals come apart and when the law is forgotten”⁷. O presente trabalho visa analisar, comparativamente, duas obras que adivinham, desde logo, reflexões genológicas: o *Diário da Peste* (2020) de Gonçalo M. Tavares é um conjunto de crónicas publicadas no *Jornal Expresso* e o *Journal of the plague year* (1722) de Daniel Defoe é uma reportagem sob a forma de romance, com tonalidades novelísticas e até diarísticas. Iremos indagar os conceitos de verdade e autenticidade das fontes e dos relatos, problematizando a *auctoritas* do(s) narrador(es) na construção de expectativas e de versões prováveis e credíveis de pestilências.

Problemas genológicos de Tavares e Defoe: cambiantes entre o diário, a crónica, a reportagem, o jornal e o romance

A 23 de Março de 2020, início do confinamento em Portugal, no contexto da pandemia, Gonçalo M. Tavares inaugurava no *jornal Expresso* um espaço de crónicas diárias a que chamara *Diário da Peste*, traduzidas e publicadas simultaneamente em diversos países. A 20 de Junho terminara este projecto: 90 dias, 90 diários – “Estou cansado, fecho a janela e o diário; quero fazer outra coisa”⁸. Esta é já uma obra central na produção filosófico-literária de Gonçalo M. Tavares e confronta-nos, como lhe é apanágio, com um desafio genológico. A obra apresenta características que a aproximam do Diário, da Reportagem, do Ensaio, da Crónica, da Poesia. As canónicas categorias literárias são incapazes de abarcar esta odisseia de aproximadamente 5000 versos, livres, soltos, telegráficos e aforísticos⁹.

A expectativa de um diário, enquanto exercício hermenêutico, autobiográfico e de narração de experiências pessoais, é defraudada uma vez que o testemunho raramente é feito na primeira pessoa para que muitas outras vozes e citações sejam cerzidas tão ao jeito do *genus sententiarum* humanista. A cadência quotidiana e ininterrupta destas publicações no *Jornal Expresso*, a neutralidade do tom do discurso e a ausência de qualquer manifestação de estados de alma do narrador outorgam características próximas da crónica e da reportagem, em que a veracidade dos factos parece incontestável. No *Diário da Peste* o narrador privilegia, reiteradamente, a leitura e análise do mau estar social, decorrente da pandemia, em detrimento da sua vivência pessoal de confinamento. A sátira é cáustica, os temas desconcertantes e as reflexões sócio-económicas são bastante cruas e incómodas, aproximando-se do género ensaístico¹⁰.

7 Foucault (2003, p. 47).

8 *Diário da Peste* 20 de junho e de 8 de junho.

9 Todos os Diários foram recentemente compilados e publicados pela editora Relógio de Água em 2020.

10 Veja-se a título de exemplo *Diário da Peste* 11 de abril e 1 de maio.

Todas estas razões afastam a obra de Gonçalo M. Tavares do género do diário *in stricto sensu*. Alguns versos correspondem *ipsis verbis* aos cabeçalhos de jornais e notícias, informações aparentemente esparsas, acessíveis e universais, ao alcance de todos, que resultam de uma dinâmica de *selectio* e *dispositio*, tão ao gosto do labor filológico renascentista. Por vezes conseguimos até identificar uma dinâmica semelhante à dos exercícios espirituais de Santo Inácio de Loyola, não em prol da salvação das almas mas da salvação do corpo.

Ela explica-me o que significam os números no início.

Cada número representa um motivo de saída.

1. Para ir à farmácia ou ao médico.
2. Para comprar bens de primeira necessidade, comida etc. quando a entrega ao domicílio não é possível.
3. Para ir ao banco, para quem o e-banking não é possível.
4. Para ir acudir pessoas com necessidades especiais.
5. Para comparecer a uma cerimónia (funeral, casamento, baptizado) sempre sob restrições. 5. Significa ainda: para pais divorciados ou separados visitarem os filhos.
5. Para exercício físico ao ar livre ou passeio com animal de estimação. Sob restrições, isto é: em redor da casa.

Ontem, a minha amiga grega mandou este sms ao governo grego:

4 Αθηνά Σπύρη Αλκμάνος 12 Αθήνα

O número 4 significa que ela vai sair para ajudar uma pessoa.

4 Αθηνά Σπύρη Αλκμάνος 12 Αθήνα

O número 4, no caso de Athena, é o pai.

O pai está incluído no número 4.

É um número 4 com várias hipóteses lá dentro.

Ela recebeu depois um sms a dar autorização¹¹

A ironia e a ambiguidade dos jogos metafórico-alegóricos transformam estas crónicas num tabuleiro de xadrez em que vão sendo feitos cheques constantes ao acervo intelectual do leitor e às suas competências hermenêuticas. Não podemos falar em romance, dada a forma poética de que se revestem estes *Diários*, mas encontramos traços romanescos em muitos deles, na consubstanciação de micronarrativas e micro-contos.

O autor de *Robinson Crusoe*, contrariamente, apresenta uma narrativa próxima de um diário íntimo no qual revela memórias e faz confissões, não denunciáveis à partida pelo título da obra que se aproxima mais de uma reportagem¹². No entanto, o tom inti-

11 *Diário da Peste* 30 de Março; cf Loiola (1999, p. 14).

12 “A carreira jornalística de Defoe revela-se mais importante para nós pelo que aprendemos em relação à sua técnica de noticiar que penas causas que serviu. [...] O Defoe que prezamos não é um jornalista

mista e confessional, reiteradamente na primeira pessoa do singular, o recurso a muitos adjetivos, verbos declarativos e putativos, as inúmeras referências circunscritas no tempo e no espaço e ainda as muitas divagações de foro pessoal e autobiográfico correspondem ao recorte do género de diário íntimo¹³. O terror e a curiosidade são os dois sentimentos predominantes no testemunho de Daniel Defoe: o primeiro leva-o a rezear o exterior e a confinar mas, concomitantemente, o voyeurismo e a avidez mórbida pela catástrofe, pelas cenas macabras e tétricas expõem-no aos perigos. O autor inglês transferiu um acontecimento histórico para a ficção a partir da epidemia que deflagrou em Londres em 1665-1666 e da qual se estima que terão morrido cerca de 100 mil pessoas (15% da população da época)¹⁴. O autor tinha apenas cinco anos quando a tragédia assolou Inglaterra e remete para as vivências do seu tio Henry Foe, razão pela qual a obra é identificada pelas iniciais HF. É sabido que houve a contento um trabalho de investigação e que o autor terá mesmo consultado documentos oficiais como os *Bills of Mortality*, e outros obituários, assim como terá auscultado relatos e testemunhos de sobreviventes. Desde o distante ano da peste de 1665, foram publicadas diversas obras a respeito, tais como *London's dreadful Visitation* (1665), *God's Terrible Voice in the City* (1667) e *Loimologia* (1672), tratado do Dr. Nathaniel Hodges. Defoe teria ao seu dispor uma considerável bibliografia¹⁵. Frank Ellis alega que a verossimilhança da obra em relação aos acontecimentos históricos é de tal forma incontesteável, pelas descrições detalhadas e precisas, que epidemiologistas se basearam nela para estudos científicos. O autor de Robinson Crusoe tem a pulsão para relatar, minuciosamente, todas as transformações e consequências socio-económicas deflagradas pela peste¹⁶. Christian Godin reforça a ideia:

trabalhador, mas um romancista que segue o método do jornalista trabalhador”. Defoe (2020, p. 13).

- 13 “Isto era o princípio de Maio, embora o tempo estivesse temperado, variável, e bastante frio, e o povo ainda tinha esperanças. [...] Regressei a casa, naquela noite para ponderar seriamente sobre a questão e encontrava-me só. [...] Não obstante, tudo isto afastou da minha ideia viajar para o campo; e, dado que o meu irmão partira, não mais voltei a debater essa questão com ele ou comigo próprio. [...] Quando percorria a Houndsditch uma manhã, por volta das oito horas ouviu-se um grande barulho. O alarido era suficientemente intenso para me despertar a curiosidade. [...] O seu discurso abalou um pouco a minha autodeterminação e fiquei indeciso por algum tempo [...] Foi de facto uma cena desoladora, que me afectou...fiquei de facto chocado com o que vi, senti-me quase esmagado e afastei-me com o coração atormentado, cheio de pensamentos terríveis”. Defoe (2020, pp. 25, 31-32, 63, 73-75).
- 14 O mesmo número é referido no *Diário da Peste* 23 de Maio “O The New York Times dedicou a primeira página a mil vítimas mortais do coronavírus, numa altura em que os EUA estão quase a chegar a 100 mil mortos”.
- 15 Vide Watson Nicholson, *The Historical Sources of Defoe's Journal of the Plague Year: Illustrated by Extracts from the Original Documents in the Burney Collection and Manuscript Room in the British Museum*, Port Washington N.Y., Kennikat Press, 1966.
- 16 “Este é um caso muito vivo e engloba em si parte tão importante das verdadeiras condições da população, que penso não conseguir relatá-los com exactidão, pelo que passarei a descrever as diversas combinações ou classes de pessoas que caíram de imediato na miséria, nesta ocasião. Por exemplo:

Ce journal imaginaire se lit comme un reportage fait par un journaliste (ce type d'homme que nos écoles dites de journalisme ont tué) qui aurait à la fois la connaissance et l'intelligence des faits, et un grand style. Defoe fait partie de ces écrivains qui, à l'instar de Shakespeare, sont capables de décrire de la manière la plus saisissante des lieux qu'ils n'ont pas vus (l'auteur de *Robinson Crusoe* n'a jamais voyagé) et un temps qu'ils n'ont pas vécu. Certes, derrière le chroniqueur perce le romancier.¹⁷

Defoe é camaleónico e é ao mesmo tempo jornalista, repórter, cronista, escritor, romancista, facto que alimenta diversas querelas em torno das questões genológicas e do estatuto das suas obras, que não nos compete escrutinar aqui em profundidade¹⁸. As marcas de subjectividade e a estrutura em prosa posicionam este jornal entre as malhas do diário e do romance, neste jogo permanente com as memórias¹⁹. Em contraponto, Gonçalo M. Tavares faz a sua reportagem a partir dos cabeçalhos de jornais em tempo real, no jogo com o presente, tornando os seus leitores cúmplices e testemunhas dos acontecimentos.

Daniel Defoe tece uma narração romanesca, sem se desapossar de uma narrativa histórica, na senda da autenticidade dos factos e dos relatos: “le narrateur se révèle à chaque page du récit qui est bien un roman, quoiqu'on ait pu le prendre pour un document historique, tant Defoe a su lui donner l'apparence du vrai et de l'authenticité”²⁰. Este jornal pode ser lido de forma complementar com uma outra obra do autor, intitulada *Due preparations for the Plague, as well for Soul as Body*.

Em suma, a afinidade entre Defoe e Tavares radica na labilidade genológica porque as designações de *Diário* e de *Journal* não correspondem à estrutura interna e à natureza das respectivas obras. Torna-se falível integrar qualquer uma delas numa categoria estanque. Poderemos equiparar os dois autores no que tange a validade factual e a veracidade das informações? Ambos partem de factos credíveis, recorrem a fontes consideradas válidas, sejam elas dados oficiais, boletins, jornais, mas pretendem muito mais do que descrever ou relatar os acontecimentos, incitam a reflexão, por vezes em tom moralizante, desacomodam as consciências daqueles que pelos seus olhos leem

[...]”, Defoe (2020, p. 99). Veja-se a enumeração detalhada do tema, malgrado o expediente retórico da *praeteritio* nas páginas 99-101.

17 Godin (2020, p. 147).

18 A propósito do legado literário do autor, *vide* Maximillian E. Novak (2000). *Daniel Defoe: Master of fictions: His life and ideas*. New York: Oxford University Press.

19 “It carries the marks of subjectivity in that it is conceived and presented in the form similar to that of a diary”, in Lay (1999, p. 38); *vide* ainda Robert Mayer (1990). “The Reception of a *Journal of the Plague Year* and the Nexus of Fiction and History in the Novel”, *ELH vol.57, nº3*, pp.529-555; sobre a natureza novelística da obra *vide* Martin Wagner (2017). “Defoe, Foucault and the Politics of the Plague”, in *SEL Studies in English Literature 1500-1900*, volume 57, number 3, pp. 501-519.

20 Defoe (1943, p. 8).

a realidade²¹. As preocupações mais audíveis na obra do inglês são o progresso social, o comércio de Inglaterra, a vida prática e a viabilidade económica que ficam comprometidas em contexto epidémico. No entanto, no seguimento destas inquietações de pendor mais sócio-económico, o autor inglês não se furta a discorrer sobre a psicologia do indivíduo, a existência e convivência em sociedade ou ainda a relação com a divina Providência. Alguns estudiosos retratam a sua narrativa como polifónica: “cette polyphonie peut s’expliquer par la volonté qu’a Defoe de ne pas réduire la perception de la peste à la seule conscience de son narrateur, mais au contraire de l’ouvrir à une multiplicité correspondant à celle de la peste, car la voix de la peste est légion”²².

Os *topoi* recorrentes no *Diário da Peste* de Gonçalo M. Tavares são a fronteira ténue entre animalesco e humano, as ameaças à sobrevivência da espécie humana (muito além das sanitárias), a relação do homem *versus* máquina que nos reenvia para a consciência da perversidade civilizacional, a bipolaridade de forças e ausência de meio termo, o absurdo e o flagelo inerentes à pandemia e a reificação das relações humanas²³. Esta narrativa não giza a explicação do fenómeno pandémico *per se* mas a intelectualização do acontecimento e o que directa e indirectamente advém da catástrofe, como a repercussão na degradação moral das sociedades, a incapacidade de resposta económico-política às necessidades de saúde pública. Gonçalo M. Tavares foca ainda o facto desta reportagem do trágico dar lugar a narrativas de medo.

O pormenor e o detalhe são transversais a ambos os autores, não se coíbem de tecer comentários tétricos, crus e macabros²⁴. Os relatos de Gonçalo M. Tavares são mais politizados na denúncia das acções que podem ser tão ou mais virulentas do que o próprio vírus, como a resignação e a banalização do mal: “a gente lamenta todos os mortos, mas é o destino de todo o mundo”, diz Bolsonaro²⁵, “mortos em Espanha, Estados Unidos, Itália: o susto torna-se assustador; o assustador, hábito”²⁶, “as empresas

21 Cf Defoe (2020, p. 122).

22 Cooke (2009, p. 39).

23 Vide Martins (2021, pp. 117-138).

24 “O hotel Marriott é transformado num hospital de campanha./Quartos de luxo são agora quartos para dez pessoas./O espaço todo usado, distribuído entre máquinas, doentes e médicos./Uma nova agricultura urgente semeia doentes e ventiladores.” (*Diário da Peste* 23 de março); “Dizem que as valas dos mortos no Irão podem ser vistas do espaço./A muralha da china, as valas comuns./Depende das alturas”(*Diário da Peste* 23 de Março); “Há um placard macabro que anuncia um único número que já não tem adversário./Um único número por país./Irão: 127”. (*Diário da Peste* 23 de Março); “A temperatura de um país é medida pelo número de mortos./Uma temperatura negra, grotesca.” (*Diário da Peste* 23 de Março); “Listas de mortos./Listas de livros escolhidos./Lista de locais a visitar depois da peste, quando se afugentar a ansiedade e não os corpos./Dez páginas no jornal com retratos de pessoas com duas datas.” (*Diário da Peste* 6 de abril)

25 *Diário da Peste* 2 de Junho; *vide* ainda “Todo o apagar de números e registos é um apagar do facto inicial./Apagar uma morte é ação criminosa de higiene./Há uma higiene individual e uma higiene do Estado./Penso em alguém que pega nos números de um dado e os baralha; repetindo uns, eliminando outros./A sorte está viciada”. (*Diário da Peste* 13 de junho).

26 *Diário da Peste* 2 de abril.

reabrem, as fronteiras não”²⁷. Em Defoe a catástrofe converte-se em um compêndio de anedotas, uma enciclopédia de histórias trágico-cómicas. Em ambas as obras estamos perante uma linha narrativa de carácter pedagógico-filosófico e moralizante. No entanto, se em Daniel Defoe a natureza discursiva é mais profética, evangelizadora e terapêutica, de cariz topográfico e local, em Gonçalo M. Tavares o olhar é mais indagador, inconformado e subversivo na leitura de cenários universais.

Verdade e autenticidade das fontes e dos relatos: ecos e vozes narrativas

Françoise Lavocat, a propósito do diálogo entre narratividade e historicidade, afirma que “l’opérateur principal de la mutation qui reside dans la narrativisation et l’historicisation de la catástrophe est le conflit d’interprétation et la prise en charge de la narration par un témoin qui se met en scène et exprime un point de vue”²⁸. Tanto Gonçalo M. Tavares quanto Daniel Defoe assumem um ponto de vista sustentado nos olhares dos outros, relatos e fontes directas e indirectas relativamente fidedignas, que deixam transparecer credibilidade e veracidade. Ambos se fecham em confinamento, debruçados à janela, ambos convertem as experiências sensoriais e analíticas em elucubrações de pendor filosófico-político e sócio-económico. No entanto, o voyeurismo de Defoe impele-o muitas vezes a procurar fora de casa novas observações, empresa facilitada para Gonçalo M. Tavares com o acesso à internet do século XXI, suprindo esta necessidade pretensamente incolmatável de sair de casa. Ainda assim, o texto- testemunho surge da conjugação do ouvido/visão, do pensamento crítico que lhes confere o estatuto de observadores-cronistas-repórteres. Elana Gomel afirma a propósito de Defoe algo que é igualmente extensível a Gonçalo M. Tavares: “la position textuelle privilégiée en tant que témoin lui assure l’immunité. Ce n’est pas un corps individuel sensible à la maladie, mais une voix désincarnée qui parle pour les mourants et les morts”²⁹.

Enquanto Gonçalo M. Tavares se instala nas suas divagações, isolado de qualquer interação - além das duas cadelas Roma e Jeri - , Daniel Defoe diversifica os seus expedientes narrativos, ora em voz directa e indirecta, ora em forma de monólogo, diálogo ou ainda cedendo a palavra aos outros como no caso dos três homens que decidem deixar Londres encontrando refúgio na floresta³⁰. Por vezes, anula por completo a sua voz para alargar a percepção da peste além da sua própria consciência de narrador. Não raramente, lança também mão de recursos retóricos como repetições, paráfrases, anedotas, provérbios, episódios pitorescos e exemplos quase proféticos para reforçar

27 *Diário da Peste* 11 de maio.

28 Lavocat (2011, p. 32).

29 Gomel (2000, p. 410).

30 Defoe (2020, pp. 109-113; 122-142).

a sua *auctoritas* discursiva³¹. Defoe coloca diante dos olhos do leitor uma cena viva como se de uma obra de arte se tratasse:

Il écrit qu'il ne veut pas oublier et ce qu'il ne veut pas qu'on oublie, la reaction physique, morale et religieuse du peuple de Londres sous la domination du roi Peste. Le document acquiert ainsi toute sa puissance de persuasion, et l'oeuvre d'art tout son pouvoir d'illusion, justement parce qu'elle n'a aucune forme littéraire. C'est un art très grande dans l'absence d'art visible.³²

Gonçalo M. Tavares não deixa de se servir dos mesmos instrumentos retóricos para reforço da sua *auctoritas* e erudição ao citar filósofos, escritores e figuras de proa: Guattari, Hölderlin, Céline, Kafka, Guimarães Rosa, Fernando Pessoa, Wittgenstein, Goethe, Rachel Whiteread, Hannah Arendt, Kabakov, Kenneth Goldsmith, Orwell, Cortázar, Rilke, Yoko Tawada, Gabriel Orozco, Voltaire, Auden, Bataille, Kierkegaard, Kant, Calvino, Robert Musil, Deleuze, Nina Simone, Holderlin, Brecht, Emily Dickinson, Pirandello, Jacob Steinberg, Heidegger, Emilio Lledó, Ambrose Bierce, Eliot Weinberger, Nietzsche, Wagner, Safranski, Freud, Paul Virilio, Peter Sloterdijk, W.H Auden, Pascal Quignard, Arthur Rimbaud, Godard, Lilia Schwarcz, Edward Gassner, Vicente Garcia-Huidobro, George Brassens entre outros. Estas figuras, não sendo personagens, assumem-se como narradores onnipresentes e oniscientes, vozes que validam e legitimam o processo reflexivo e problematizador das crónicas³³.

A prolixidade da imprensa, a actualização diária dos números de mortes, os ritmos descompassados e desfasados da pandemia em todo o mundo são o mote para o autor do *Atlas do Corpo e da Imaginação* cartografar outras geografias além de uma única cidade, por contraponto a Defoe que se cinge à cidade de Londres. A pulsão pelos dados estatísticos é transversal a ambos, veja-se desde logo no primeiro diário de 23 de Março a sentença tavariana: *O fim do mundo sempre foi anunciado em forma de estatística*³⁴. Gomel afirma que as repetições temáticas e estilísticas em Defoe têm

31 “Era uma cena terrível e melancólica de presenciar e, como era algo que não podia deixar de avistar de manhã à noite (pois de facto não havia nada mais no momento para ver), fui invadido por pensamentos muito sérios quanto à desgraça que se iria abater sobre a cidade, e as infelizes condições daqueles que nela permaneceriam”, in Defoe (2020, p. 27); cf ainda Defoe (2020, pp. 28 e 41).

32 Defoe (1943, p. 11).

33 Em 2014, o Papa: “o tempo é superior ao espaço” (*Diário da Peste* 1 de Maio).

34 No *Diário da Peste*: “O humano número 486 morreu num hospital de Madrid./Lista de mortos./Lista de livros escolhidos./Lista de locais a visitar depois da peste, quando se afugentar a ansiedade e não os corpos./Dez páginas no jornal com retratos de pessoas com duas datas./Jacob Steinberg, poeta israelita: «nós parecemos esta noite uma cidade que arde»; “México, pela primeira vez: mais de mil mortos num dia” (*Diário da Peste* 4 de Junho); “Brasil: mais de 31 mil mortos”. (*Diário da Peste* 2 de Junho); No *Journal of the Plague year*: “O grosso das pessoas foi dizimado nestes dois meses; considerando que o número total de vítimas de peste ascendeu aos 68590, só aqui temos, em números

repercussões estruturais numa composição de episódios separados e justapostos³⁵. Em Gonçalves M. Tavares a metodologia é, exactamente, a mesma:

(...) como um estranho sismógrafo ou um arquivista, vai coligindo informações, histórias, vai juntando-as, justapondo-as sem uma ligação precisa ou necessária (não há diário algum aqui) [...] E o essencial é esta colecção de factos, de histórias, a justaposição de frases que permitem cartografar um abismo que, a dada altura, surgiu num horizonte que não era horizonte algum, mas que se encontrava presente nos mais ínfimos detalhes – sem ser sobredeterminado por teoria alguma.³⁶

(Des)crenças, credices e outras religiosidades

A concepção providencialista dos acontecimentos que insufla o *Journal of the Plague Year* insere-se na teologia vigente e dominante no século XVII³⁷. Contrariamente a Gonçalves M. Tavares, Defoe manifesta as suas crenças, repetidamente, não se coibindo de atribuir um sentido religioso e divino a todas as ocorrências³⁸. Segundo ele, a epidemia teria sido enviada como castigo divino aos homens pelos seus pecados e a solução seria a resignação e a crença de que haveria algum sentido para tamanha fatalidade³⁹:

Defoe est resté fidèle à la doctrine du juste milieu défendue par la plupart des théologiens chrétiens, qui tentaient un compromis entre la toute-puissance divine et la non moins nécessaire liberté humaine (sans laquelle le châtement du péché serait incompréhensible). Un compromis que le calvinisme, influent en Angleterre, a rompu en accordant à Dieu la liberté absolue, par la toute-puissance de sa grâce et dans le choix, pour chaque être humain, de son salut ou de sa damnation.⁴⁰

Defoe não dista da abordagem de Tucídides ou Lucrécio, que convocavam os conhecimentos dos astrólogos e fazem a leitura dos fenómenos naturais para explicar

redondos, 50000, em dois meses, digo 50000 porque, embora faltem 295 ao valor acima indicado, faltam também dois dias para completar aquele período de tempo”, in Defoe (2020, p. 103).

35 Gomel (2000, pp. 409-410).

36 https://ionline.sapo.pt/artigo/739978/goncalo-m-tavares-relatorio-sobre-o-fim-do-mundo?seccao=Mais_i&fbclid=IwAR3aA2tc83tCsDVPWKCzUtF_tQObHjKK27isQaL4W9WXjH3qI3zugGDg0

37 Lembremos ainda que o químico Robert Boyle (1627-1691) escreveu no ano da peste a obra *The Plague of London from the Hand of God*.

38 “As intimações que acreditava provirem dos Céus, as quais, para mim, representavam o caminho a seguir; [...] além do mais, folheando a Bíblia que se encontrava na minha frente, e enquanto os meus pensamentos se focavam seriamente no assunto, exclamei: “Bom, não sei o que fazer, Senhor, orienta-me”. In Defoe (2020, p. 31).

39 Defoe (1943, pp. 29, 35)

40 Godin (2020, p. 149).

os signos da catástrofe⁴¹. Desde a filosofia natural aristotélica que reconhecemos esta cadeia contínua e ininterrupta que agrega todos os elementos do mundo e que enlaça, inclusivamente, o próprio destino do Homem. Qualquer tentativa de negar esta premissa e de agir à revelia desta consciência introduz desequilíbrios na biodiversidade, acarretando custos onerosos para a sobrevivência das espécies. A tese aristotélica não relegava a interdependência dos elementos contrários entre si, reforçava aliás a necessidade de confrontos e dialécticas para a constante regeneração e adaptação dos elementos no mundo natural. Os gregos reconheciam na luta (ἀγών, *agon*) o princípio fundacional da sociedade, princípio compartilhado por Heráclito (c. 535-475 a.C., πόλεμος πάντων μὲν πατήρ ἐστι, *polemos pater panton*)⁴². No século XVII, a medicina fundamentava-se na teoria dos quatro elementos de inspiração Hipocrática: a água, ar, terra e fogo que ora conflituam, ora convergem para uma harmonia. Gonçalo M. Tavares retorna aos mesmos elementos naturais para desnudar a soberba e a prepotência da acção humana: “a natureza deve estar a olhar estupefacta para os humanos”⁴³; “pensar nos quatro elementos-terra, ar, água, fogo./Esta será uma tragédia ligada ao elemento ar. /os pulmões e a falta de respiração”⁴⁴; “temos de ser hábeis sobre a terra, hábeis debaixo de água e hábeis diante do fogo”⁴⁵; Uns dizem que é a revolta da natureza./pensávamos que era tudo nosso, mas não/Karl Kraus: não há só máquinas, há também tempestades./Esquecemo-nos das tempestades”⁴⁶.

No que tange a religiosidade, Defoe era um dissidente não conformista que atacava os anglicanos radicais, tendo-se envolvido em várias contendas e conflitos político-religiosos. Defoe reporta inúmeros casos de suicídio e não se inibe de os criticar por representarem actos à revelia dos pressupostos teológicos da cristandade. Mostra-se impiedoso na crítica contra as infrações de ordem moral e ética que decorriam de abusos de poder por parte de médicos e enfermeiros em relação aos doentes, mas sempre crente na progressão moral do indivíduo e na sua regeneração. Talvez seja esta a pedra de toque que distingue de forma fraturante as duas obras. Gonçalo M. Tavares revela-se descrente na natureza humana, serve-se de um sarcasmo contundente para criticar o hedonismo e o individualismo da sociedade do século XXI. As inúmeras referências religiosas servem para escamotear o estatuto demiúrgico do indivíduo, perante

41 Defoe (2020, pp. 37-38, 41), *vide* ainda a este propósito Catherin Rubincam (2004). “Thucydides and Defoe: Two plague narratives” in *International Journal of the Classical Tradition* 11, pp.194-212.

42 Não podemos deixar de referir uma outra obra de Gonçalo M. Tavares, *Histórias Falsas*, uma colectânea de contos em que os filósofos pré-socráticos são convertidos metaleticamente em personagens, *vide* Ana I. C. Martins (2020). “Gonçalo M. Tavares’ *Histórias Falsas* (*False Stories*: encountering tradition and confronting fragments of truth”, in Maria de Fátima Silva *et alii* (eds), *A Special Model of Classical Reception: Summaries and Short Narratives*, Cambridge Publishing Press, pp. 167-190.

43 *Diário da peste* 25 de março.

44 *Diário da peste* 7 de abril.

45 *Diário da peste* 15 de junho.

46 *Diário da peste* 15 de abril.

o abandono divino: “Deus e os homens, relação atribulada/ o som de Deus desapareceu”⁴⁷. Ainda assim, no limite quando tudo falha e em cenário apocalíptico também é esse deus (seja Ele qual for) o último reduto, a última salvação: “Muitos dos que estavam afastados de Deus, se aproximaram agora./Muitos dos que estavam próximos se aproximaram mais, diz um crente na televisão”⁴⁸. A sobrevivência torna-se a única prioridade e as fronteiras do querer e do crer, do importante e do urgente, da ética e da estética são cada vez mais fluídas e difusas⁴⁹: “Um presidente de câmara italiano junta as mãos a pedir para as pessoas não saírem de casa./Parece rezar, pedir piedade e dar uma ordem - tudo ao mesmo tempo”⁵⁰.

Gonçalo M. Tavares recentra a osmose entre crença e heresia, confundindo *mythos*, *pathos* e *logos*: “O mais brilhante filósofo do século XX, de olhos fechados e mãos juntas, a rezar./Um filósofo que fecha os olhos, antes de ensinar as crianças./ Uma síntese rápida de despojamento./ Suspender a visão e a lucidez, abdicar do controlo: fechar os olhos”⁵¹. O mundo encontra-se num ponto de tal forma antinómico que já não consente a convivência de duas realidades tão díspares: “Imagino que alguém interrompe a emissão da Bolsa para rezar o Pai Nosso”⁵², “rezar é o que acontece entre um momento e o momento seguinte”⁵³, passou a ser um compasso de espera em estados de perdição. A religião rendeu-se às tecnologias, baixou a intensidade, mas aumentou a velocidade.

Uma avioneta numa terra do interior levou um padre lá dentro./E lá das alturas ele benzeu todo o território porque o avião sobrevoou cada metro quadrado./No avião quase individual não contamina./Dou uma volta em redor do limoeiro; a pequena volta./Benzer a pé, a cavalo, de bicicleta, de carro; ou de avião./Diferença significativa./Historiadores lembram que a infantaria avançava quatro quilómetros por hora./É bom ver e avançar por cima sem atrito nem vertigens./Os doze apóstolos hoje em doze aviões espalhavam a crença pelos quatro cantos em menos de cinco dias.⁵⁴

47 *Diário da peste* 9 de junho.

48 *Diário da peste* 16 de abril.

49 “Kierkegaard e o “deus que exige demais”./Temos de ser hábeis sobre a terra, hábeis no/ar, hábeis debaixo da água e hábeis diante do fogo./Um deus que exige demais dos humanos./Em Atenas e no resto do mundo” (*Diário da Peste* 15 de Junho); “O nosso entendimento de/Deus começa depois do acontecimento ter passado./Nós só vemos as costas de Deus”, disse./As costas de Deus são a nossa cegueira”. (*Diário da Peste* 19 de junho)

50 *Diário da Peste* 24 de março.

51 *Diário da Peste* 10 de abril.

52 *Diário da Peste* 26 de abril.

53 *Diário da Peste* 11 de abril.

54 *Diário da Peste* 23 de maio.

Conclusão

Salvaguardando as respectivas idiossincrasias e contextos histórico-culturais em que as duas obras se inserem, Daniel Defoe e Gonçalo M. Tavares retratam cenários pandémicos e servem-se da realidade histórico-factual para construírem as suas narrativas ficcionais num espectro variável de verdade e verosimilhança. No entanto, o objectivo cimeiro não é descrever, pormenorizadamente, sintomas ou manifestações da peste e da pandemia (ainda que Defoe possa enveredar por descrições mais detalhadas) mas escrutinar as consequências e as feridas que com elas se abrem e dilaceram, sobretudo nas dimensões humanas, sociais, político-económicas. A salubridade e a higienização são dois conceitos que extrapolam a fisiologia do corpo porque qualquer calamidade deve ser olhada de forma sistémica, global e abrangente: “Em Itália 60 mil voluntários recrutados para vigiar distanciamento físico./ Vigiar distâncias de segurança e higiene/guardadores de rebanho e dos exactos dois metros./Olhar não para as pessoas mas para os espaços entre elas”⁵⁵.

A catástrofe da natureza não se dissocia da catástrofe humana. A morte passa a quantificar-se de forma anónima, estatística e a vida é progressivamente reduzida aos sinais vitais: “em maio de 2020, a questão da quantidade de uma morte./Uma morte é uma, nenhuma ou cem mil?”⁵⁶; “Uma tabela com números, uns vivos, outros mortos./Outros quase no campo dos ressuscitados./A estatística é muitas vezes o modelo do que não é comovente./Mas nestes dias não”⁵⁷. As enfermidades trazem a morte, a decrepitude da vida e com ela os corpos queimados pelo fogo, as cinzas, o pó, sem honras fúnebres perante o medo de contágios⁵⁸.

Defoe e Gonçalo M. Tavares descrevem cidades desertas, entregues aos ratos e a animais selvagens, espaços vazios que, paradoxalmente, deixam de ter lugar tanto para os vivos como para os mortos enquanto hospitais e cemitérios atingem todos os limites de ocupação. Em 1665 e em 2020, a pandemia impossibilitou a condução dos mortos até à sua última viagem, com a diferença de que em 2020 essas valas são visíveis do espaço: dizem que as valas dos mortos no Irão podem ser vistas do espaço./A muralha da china, as valas comuns./Depende das alturas./A que altura tens coragem para subir e ver”⁵⁹.

55 *Diário da Peste* 24 de Maio; vide ainda “O esquecimento da exterminação faz parte da exterminação”, dizia Baudrillard sobre a questão do holocausto./Todo o apagar de números de registos é um apagar do facto inicial./Apagar uma morte é ação criminosa de higiene./Há uma higiene individual e uma higiene do Estado”. *Diário da Peste* 13 de junho.

56 *Diário da peste* 27 de maio.

57 *Diário da Peste* 15 de abril.

58 “Imagens em algumas cidades da América Latina: queima-se à frente da casa de família mortos/que não são recolhidos pelo Estado./Para não contagiarem./Os corpos ardem a muitos graus Fahrenheit, bem mais acima do que os livros./Ou não./Uma hierarquia da resistência dos materiais baralhada pela biologia./O mais importante por vezes é o que mais rapidamente cede./A que temperatura ardem os corpos? faça essa pergunta ao Google”, *Diário da Peste* 7 de Abril.

59 *Diário da peste* 23 de março.

Respondendo à questão catalisadora deste trabalho: porventura só a narração que qualificamos de “histórica” valida e firma o estatuto de catástrofe de um evento? Talvez não se considerarmos que as realidades ficcionais têm um potencial indagador de longo alcance, leva-nos além dos acontecimentos reais e dos cenários tangíveis, coloca no horizonte uma bateria de possibilidades que aduzem clarividência ao nosso olhar. A narrativa ficcional negocia verdades históricas com o leitor e com o tempo. Defoe e Gonçalo M. Tavares acirram a nossa percepção de que *basta o mais pequeno elemento da natureza, um vírus*, seja qual for a sua proveniência ou veículo de transmissão – por terra ou pelo ar -, para que a Humanidade se recorde que é precária, falível e mortal.

Bibliografia

- Burke Jr., J. J. (1982). Observing the observer in Historical Fictions by Defoe. *Philological Quarterly* 61.
- Cooke, J. (2009). *Legacies of plague in Literature, Theory and Film*. Palgrave/MacMillan.
- Dachez, H. (2015). Peste, Texte et contagion: Le Journal de l’année de la Peste (1722) de Daniel Defoe. *Société Française d’Étude du Dix-Huitième siècle*. n°47. pp. 311-324.
- Defoe, D. (1943). *Journal de l’année de la peste*, traduction et préface par Joseph Aynard. Éditions Montaigne.
- Defoe, D. (2020). *Diário do Ano da Peste*. Tradução de Maria João Bento. Clássica Editora.
- Derrida, J. (1967). *De la grammatologie*. Éditions de Minuit.
- Foucault, M. (2003). *Abnormal: Lectures at the Collège de France*. 1974– 1975. ed. Valerio Marchetti and Antonella Salomoni. trans. Graham Burchell. Picador.
- Godin, C. (2020). Ce que nous apprend le Journal de L’Année de la Peste. *Cairn*. n° 83. Presses Universitaires de France. pp. 145-154.
- Gomel, E. (2000). The Plague of Utopias. Pestilence and the Apocalyptic Body. *Twentieth-Century Literature*. n° 46.4. Literature and Apocalypse. pp. 405-433.
- Lavocat, F. (ed) (2011). Pestes, Incendies, naufrages: écritures et désastre au dix-septième siècle. *Récit, fiction, témoignage, Raconter la catastrophe*. Brepols. pp. 31-55.
- Lay, F. (1999). The exploitation of subjectivity: Daniel Defoe’s Journal of the Plague year. Rachel Langford and Russel West (eds.). *Marginal voices and Marginal forms: diaries in European Literature and History*. Rodopi. pp. 37-49.
- Loiola, Santo I. (1999). *Exercícios Espirituais*. Tradução de Vital Cordeiro Pereira. Imprensa Apostolado/Livraria A.I.
- Martins, A. I. C. (2021). *Diário da Peste* de Gonçalo M. Tavares: a (in)sustentável fragilidade do ser. *BIBLOS*. n° 7. 3ª série. pp. 117-138.
- Mayer, R. (1990). *The Reception of a Journal of the Plague Year and the Nexus of Fiction and History in the Novel*. *ELH* vol.57. n°3. pp. 529-555.
- Palmer, J. (1883). Pestilences: their influence on the destiny of nations, as shown in the history of the plague. *Transactions of the Royal Historical Society*. 1883-1884. Vol. 1, pp. 242-259.

- Roberts, D. (2019). Annotating Defoe: The Case of A Journal of the Plague Year. *Modern Language Review*. vol. 114. nº3. pp. 444-460.
- Tavares, G. M. (2020). Diário da Peste. *Jornal Expresso*. Consultado a 03/07/2021 <https://expresso.pt/autores/2020-03-24-Goncalo-M.-Tavares>

Pestes e Epidemias: Estudos Interdisciplinares em Humanidades reúne dezasseis estudos que, sobre distintas épocas, analisam a capacidade de reagir, resistir e superar as diversas enfermidades que acompanham o desenvolvimento das sociedades humanas. Além do contributo para o conhecimento da influência de pestes e epidemias na cultura e na sociedade, os estudos coligidos neste Volume permitem uma reflexão interdisciplinar do entendimento humano acerca das causas e consequências desses surtos. Nos vários domínios das Humanidades, das narrativas às criações mais artísticas, há, de facto, um imenso legado cultural que importa continuar a estudar.

